

DIÁLOGO ENTRE GRAMSCI E UMA SUA SOMBRA

Peça de teatro

Giorgio Barata¹

*Para
Massimo Mila
Franco Coggiola*

RESUMO: Trata-se de uma Peça de Teatro. O “diálogo” que aqui se apresenta é uma proposta de interlocução com os escritos “monológicos” de Gramsci, respondendo à sua insistente demanda por comunicação, cooperação e intervenção. Trata-se de uma primeira aproximação à imagem de um personagem cuja vida – privada e pública –, pensamento e ação, aparecem surpreendentemente conexos em seus escritos, tal como seu passado parece entrar claramente em nosso presente.

Palavras-chave: Gramsci. Teatro. Escritos monológicos.

ABSTRACT: This is a piece of theater. The "dialogue" presented here is a proposal for dialogue with Gramsci's "monological" writings, responding to his insistent demand for communication, cooperation and intervention. It is a first approximation to the image of a character whose life - private and public - thought and action, appear surprisingly connected in his writings, just as his past seems clearly to come into our present.

Key-words: Gramsci. Theater. Monological writings.

Advertência:

Gramsci é um autor de não-livros. Os seus escritos – correspondências, artigos, documentos, notas, apontamentos, ensaios inacabados - são peças de um quebra-cabeças que exigem tradução, montagem e composição por parte dos seus leitores. O “diálogo” que aqui se apresenta é uma proposta de interlocução com os escritos “monológicos” de Gramsci, respondendo à sua insistente demanda por comunicação, cooperação e intervenção. Trata-se de uma primeira aproximação à imagem de um personagem cuja vida – privada e pública –, pensamento e ação, aparecem surpreendentemente conexos em seus escritos, tal como seu passado parece entrar claramente em nosso presente. Quatro dos textos deste “diálogo” são de Tania Schucht (extraídos de uma carta e de um relatório sobre as suas primeiras visitas à Gramsci no

¹ Escritor, poeta e artista italiano. Tradução de Célia Tolentino. Esta é a versão integral da peça de teatro escrita por Giorgio Baratta, tal como foi apresentada nos palcos italianos. Entre 2003 e 2005 apresentamos uma adaptação deste texto ao público (acadêmico) brasileiro sob o título “Bachianas para Gramsci” que embora tenha subvertido várias destas recomendações iniciais (como colocar em cena 3 atores e uma bailarina) foi vista e vivamente aprovada pelo seu autor.

cárcere). Todos os outros são de Antonio Gramsci (de um artigo de jornal, das Cartas e dos Cadernos do Cárcere)

Todos os textos deverão ser interpretados por um único ator, de preferência, por uma atriz. Os comentários do narrador devem ser falados sem nenhuma ênfase, porque, mais que desempenhar a função narrativa, atendem à necessidade de interlocução que transparece continuamente nos escritos de Gramsci.

Recomenda-se ainda, que cada bloco cênico seja intermediado pela música de Bela Bartók.² Chamado de “realismo camponês”, “delírio visionário”, “polifonia germinal”, o piano de Bártok dialoga fluidamente com o idioma de Gramsci e, por isso, pode nos ajudar a reencontrar aquela tensão produtiva entre a alta cultura e a cultura popular que tanto um quanto o outro nos legou como tarefa a ser assimilada pelos próximos mil anos.

O Diálogo desenvolve-se em nove “quadros”, cujos títulos serão anunciados um de cada vez através de cartazes que ocupam a cena. Em um eventual segundo tempo - depois de um breve início que repete o final do primeiro – não haverá mais textos para interpretar: apenas um diálogo a ser improvisado.

I QUADRO: UM SARDO SEM COMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS

Bartók: Seis danças populares romenas – Dança com bastão

NARRADOR: Em 12 de outubro de 1931, da casa penal de Turi, Antonio Gramsci escreve à sua cunhada Tania Schucht:

² A música de Bartók pode ser substituída pela de Villa Lobos.

GRAMSCI: Eu mesmo não tenho nenhuma raça: meu pai è de origem albanesa recente (a sua família escapou do Épiro pouco depois ou, talvez, durante as guerras de 1821 e se italianizou rapidamente); minha avó era uma González e descendia de alguma família ítalo-espanhola da Itália Meridional (como tantas outras remanescentes do domínio espanhol); minha mãe é sarda por parte de pai e mãe. E a Sardenha foi anexada ao Piemonte em 1847, depois de ter sido um feudo e patrimônio dos príncipes piemonteses que a receberam em troca da Sicília, que era mais distante e menos defensável. Entretanto, a minha cultura é fundamentalmente italiana e este è o meu mundo. Aliás, nunca me senti dividido entre dois mundos, muito embora isso tenha sido escrito no ‘Giornale d’Italia’ de 1920, onde um artigo de duas colunas explicava que a minha atividade política em Turim era, entre outras coisas, devido ao fato de eu ser um sardo e não um piemontês, ou siciliano ou etc. [...] De resto, na Itália tais questões jamais são colocadas e ninguém na Ligúria se preocupa se um marinheiro traz para o vilarejo uma mulher negra. Não vão tocar-lhe com o dedo insalivado para ver se a cor desbota e tampouco pensam que os lençóis ficarão tingidos de negro.

NARRADOR: Antonio Gramsci nasce em Ales no dia 22 de Janeiro de 1891. Sete anos mais tarde, seu pai Francesco, empregado do Cartório de Ghilarza, é preso sob acusação de peculato e condenado a cinco anos de prisão. Por trás deste episódio, há uma questão política local que nunca seria esclarecida. A mãe Peppina Marcias e os sete filhos ficam na miséria. Com um semblante aberto, radioso e, como ele mesmo diria, adornado por uma longa cabeleira que “se ondula a cada sopro do vento”, Antonio é pequeno, dentio, corcunda e não tem, de fato, uma infância fácil nem feliz.

GRAMSCI: Eu comecei a trabalhar quando tinha 11 anos, ganhando 9 liras ao mês (isto significava um quilo de pão por dia). Trabalhava por 10 horas diárias, inclusive nas manhãs de domingo, arrastando livros de registro que pesavam mais do que eu. Muitas noites chorava escondido porque me doía todo o corpo. Conheci quase sempre só o aspecto mais brutal da vida e, bem ou mal, sempre me virei. Mas, nem mesmo minha mãe conhece toda a minha vida e as adversidades que já tive de enfrentar.

NARRADOR: Filha de pequenos proprietários, mas orgulhosa demais para pedir ajuda, Peppina, aos 37 anos, é uma mulher atraente, que se veste à maneira européia e, apesar de ter apenas o terceiro ano primário, é extremamente curiosa de leituras de todo tipo. Se mata de tanto trabalhar para conseguir criar a família. Nas recordações de Antônio, Peppina seria sempre “uma força benéfica e cheia de ternura.”

GRAMSCI: **Você não pode imaginar de quanta coisa eu me recordo. E nelas você aparece sempre como uma força benéfica e cheia de ternura por nós. Pensando bem, todas as questões da alma, da imortalidade, do paraíso, do inferno nada mais são do que um modo de ver este simples fato: cada uma de nossas ações transmite às outras pessoas um valor de bem e mal e assim passa de pai para filho, de uma geração à outra, em um movimento perpétuo. Uma vez que todas as recordações que temos de você são de bondade e de força, daquela força que você dava para nos fazer crescer, isto significa que você está, desde já, no único paraíso real e possível, que para as mães penso que seja o coração dos próprios filhos. Vê que coisa eu te escrevi? De resto, você não deve pensar que eu queira ofender as tuas convicções religiosas porque, no fim, penso que você concorda comigo muito mais do que parece.**

NARRADOR: A ternura da recordação, razão de viver naquele sepulcro carcerário, não impede ao pensador sardo de pintar a sua como uma irremediável e autêntica mãe.

GRAMSCI: **Você não deve ter nenhuma agitação. Deve apenas pensar que eu estou tranquilo. Oh! Estas mães, estas mães! Se o mundo tivesse ficado nas mãos de vocês os homens ainda estariam vivendo nas cavernas, enroladinhos em pele de carneiro!**

NARRADOR: Gramsci torna-se italiano e internacionalista depois de ter conhecido as tentações do separatismo. O “sardo sem complicações psicológicas”, como escreverá polemicamente sobre si à cunhada russa, manifestou sempre um amor profundo, inquieto mas não cúmplice, à sua terra de origem. Ele carregará consigo todas as “dores da Sardenha”, as suas rebeliões, suas lutas, às vezes desesperadas, mas também o espaço imenso e cheio de luz, a sua língua flexível, material, concreta e carregada de

arcaísmos produtivos – desafio permanente para uma modernidade demasiadamente “seca, mecânica e burocrática”.

GRAMSCI: Que coisa me livrou de vir a ser somente um farrapo humano? O instinto de rebelião, que na minha meninice era contra os ricos: eu que tirava dez em todas as matérias do primário não podia continuar estudando enquanto podiam ir para a escola o filho do açougueiro, do farmacêutico ou do negociante de tecidos. E isso se estendeu para todos os ricos que oprimiam os pobres camponeses da Sardenha. Eu pensava, então, que era preciso lutar pela independência nacional da região: “ao mar os continentais!”. Quantas vezes repeti estas palavras! Depois conheci a classe operária de uma cidade industrial e entendi aquilo que realmente significavam as palavras de Marx que eu tinha lido, antes de tudo, por curiosidade intelectual. Assim, apaixonei-me pela vida, pela luta e pela classe operária.

NARRADOR: Aos vinte anos, Gramsci consegue uma bolsa na Faculdade de Letras da Universidade de Turim. Entrega-se aos estudos mas, sem dinheiro e doente, em desacordo com o pai, não dá conta e nem aceita o ritmo dos exames e a abandona. Torna-se militante e desenvolve um jornalismo combativo junto ao Partido Socialista. Pensando um “jornalismo integral”, como escreveria nos Cadernos, com objetivo de construir um “novo senso comum”, procura estabelecer uma relação democrática e dialógica com os seus leitores.

GRAMSCI: O tipo de jornalismo que se considera nestas notas é aquele que poderíamos chamar de “integral” [...] isto é, aquele que procura não só satisfazer todas as necessidades do seu público, mas procura criar e desenvolver tais necessidades, de modo a ampliar seu público e, progressivamente, seu próprio alcance.

NARRADOR: A escrita do jovem jornalista é saborosa, ferina, lúcida, desmistificadora, mas mesmo assim rica de sonoridade e imagens. Parece imprimir nas letras aquela capacidade de “decompor as imagens em planos diversos“, tal como percebe, com maestria, na “nova tendência da arte moderníssima, da música à pintura dos cubistas”. Às vésperas da revolução de outubro, escreve no “Avanti!”:

GRAMSCI: O mundo é verdadeiramente grande, terrível e complicado. E toda ação lançada sobre a sua complexidade desperta ecos inesperados.

II QUADRO: MADAME DE TEBAS

NARRADOR: Os verdes anos de Gramsci transcorrem em Turim. “Divertido, gozador e brincalhão”, assim o descreve Pia Carena, companheira infatigável e amiga do peito. Terracini, outro companheiro de Partido, lembra o cabelo sujo de cinza dos mil e um cigarros, a gravata torta e os óculos bem calçados. O *barman* Alfonso Leonetti, o “barisiense”, como divertidamente dizia Gramsci, conta do bebedor de café contumaz, do amante de operetas que cantarolava, quase obsessivamente, o amável refrão de “Madame de Tebas”.

GRAMSCI: [sob a ária da opereta, acompanhada ao piano] **A verdade das cartas, corações ansiosos vem implorar. Príncipes e plebeus aqui são iguais, Madame de Tebas não erra jamais.**

NARRADOR: Battista Santhiá, nascido em Santhiá, habitante de Santhiá, na rua Santhiá, o operário especializado e protagonista dos Conselhos de Fábrica, reevoca a veia polêmica e implacável de Gramsci, mas também os seus longos silêncios, ricos de expectativa quanto à palavra dos companheiros. Queria saber tudo, mas tudo mesmo, sobre a condição da fábrica, sobre o tipo de trabalho, sobre a vida cotidiana dos operários. Gramsci - conclui Santhià - era um “líder que sabia escutar”.

Ao piano, o motivo de “Madame de Tebas”

NARRADOR: Gramsci, nos seus vinte anos, era mesmo um tipo simpático, talvez até extrovertido demais. Numa carta para a mãe, endereçada de Cágliari, onde estava terminando o ginásio antes de ir para Turim, faz referência a um curioso episódio.

GRAMSCI:

Mamãe querida,

[...] que papai não faça a loucura de vir até aqui. Vocês se assustam porque a polícia pede informações de qualquer um? [...] Fiquem tranquilos e riam na cara do tenente e nas barbas de todos os policiais como faço eu há muito tempo: coitados, no fundo precisam de compaixão pois, preocupando-se como se preocupam com os socialistas e anarquistas, não têm tempo para pensar nos ladrões e nos malandrinhos que, daqui a pouco, lhes roubam até o quepe.

Numa noite dessas, nas galerias do teatro, me chamaram atenção só porque eu admirava em alto e bom som os magníficos bigodes de um guarda: e eu lhe disse, então, que cortasse os bigodes se não quisesse que o observássemos. E sabe por que? Por causa da minha esplêndida cabeleira que se ondula a cada sopro de vento me confundiram com uma moça e ficaram admirados que uma mulher fizesse tanta algazarra. Isso porque só viam a minha cabeça e a mão que eu usava para imitar o som de uma tuba. Eu não fiquei chateado, aliás, muito pelo contrário, fiquei lisongeadado pela atenção que me dispensaram. Então, nada demais. Desde que não algemem ninguém, podem fazer quantas perguntas quiserem. Muitos beijos a todos de casa, enxugue as lágrimas de toda a família e viva tranquila. Beijos também do Nannaro, que ganhou muito mais apetite depois deste episódio.

III QUADRO: A CABANA NA FLORESTA

Bartók, Seis danças populares romenas: 5. Polka romena

NARRADOR: Secretário de redação do Jornal “Ordine Nuovo” e animador dos Conselhos de Fábrica durante o Biênio Vermelho, Gramsci é um dos fundadores do Partido Comunista na Itália. Em 1922, como dirigente da Internacional Comunista, viaja a Viena e Moscou, onde conhece, no sanatório “Floresta de Prata”, a bela Giulia Schucht, irmã de Eugênia e Tânia: as três irmãs russas, cada uma a seu modo, tentam ganhar seu coração. Graças a Giulia, ele que se acreditava “completamente árido,

ressecado”, descobre em si “uma pequena nascente (bem pequenininha...) de melancolia e luar debruado em azul.”

GRAMSCI: Eu gosto muito de Ti e tenho certeza que gostas também de mim. É verdade, estou há muitos anos habituado a pensar que existe uma impossibilidade absoluta, quase fatal, de que eu possa ser amado. Esta convicção me serviu por muito tempo como uma defesa contra mim mesmo, para que às vezes não voltasse a mutilar-me e abater-me. Desde menino, aos dez anos, comecei a pensar assim por causa dos meus pais. Eu tinha de fazer muitos sacrifícios e a minha saúde era tão débil que me convenci de ser um estorvo, um intruso na minha própria família. São coisas que não se esquece facilmente, que deixam marcas muito mais profundas de quanto se possa pensar. Todos os meus sentimentos foram um pouco envenenados por conta desta atitude arraigada. Mas hoje quase não me reconheço de tanto que me vejo mudado e, por isso, me parece estranho que notes e dêes importância aos tiques nervosos e aos pequenos ímpetos que estão fora de mim, que têm, talvez, um valor puramente físico. Eu gosto de Ti. Porque dizes: “é cedo demais?” Porque dizes que o meu amor é alguma coisa que não te diz respeito, é estranho à tua pessoa? Que confusões, que imbróglios são estes? Não sou um místico e nem és Tu uma santa bizantina.

Seis danças populares romenas: 3. Sobre um ponto só

NARRADOR: Com Giulia, Antonio descobre o prazer de perder um pouco o juízo, de voltar a ser criança, sem inibições.

GRAMSCI: Estou quase perdendo o juízo [...] Quando lhe abraçar, penso que me sentirei até mal de tanto que a paixão me convulsiona.

= pausa =

Queria ter você junto a mim [...] Faria relógios de cortiça, violinos de papel machê, lagartixas de cêra com dois rabos, enfim, exauriria todo o repertório das minhas recordações sardas.

NARRADOR: Mas o tempo para o amor é pouco e é, como escreve Antônio à Iulca, “roubado ao acaso”: não é senão uma ou outra fresta deixada livre pelo militante integralmente dedicado ao empenho político, vivido por ele com espírito crítico e generosidade.

GRAMSCI:

Querida Iulca,

Ficamos tão pouco tempo juntos, e aquele pouco ainda conseguimos roubar ao acaso: a nossa felicidade era desfrutar um dia ou outro, de contrabando, em uma misteriosa cabana no meio da floresta. E isso deixou saudades em todo o nosso ser, sensações que continuavam e continuam a vibrar insatisfeitas. Eis a causa do nosso passageiro mal estar. No fundo, não tivemos tempo de vivermos como marido e mulher, fomos apenas amantes em lua de mel. [...] Eu não posso pensar sem profunda comoção neste período de felicidade que nos uniu moral e intelectualmente. Se recorda das suas hesitações? Você tinha razão e eu sabia, mas eu tinha mais razão ainda. Se eu tivesse partido sem que as nossas vidas fossem unificadas, sem que a felicidade de ser um do outro tivesse feito vibrar fortemente todo o nosso ser, teríamos nós superado esta crise, que foi assim uma coisa de nada? Não sei. Eu mudei tanto que não sei nem mesmo imaginar o que teria acontecido, mas nada de bom, acredito. O nosso romance teria sido, e assim pareceria ainda mais com a distância, um pequeno flerte, um romancezinho “água com açúcar”³. Ao menos eu penso assim, por mais absurda que esta hipótese possa parecer.

Ao invés disso, hoje eu penso: que coisa aconteceria se, numa infeliz hipótese, eu devesse ficar por um longo tempo longe da Iulca? É lógico que me consumiria muito e a preocupação com outras vidas que passam longe da minha seria um tormento contínuo, mas nem por isso eu me desesperaria ou seria menos forte. Esperaria até chegar o dia em que nos encontrássemos outra vez e, juntos, voltássemos a ser crianças e nos mostrássemos a língua e este tempo de separação seria cancelado da nossa memória num piscar de olhos. Assim eu penso hoje, inclusive porque tenho certeza de revê-la em breve, de tê-la novamente em meus

³ *Alla* Matilde Serao (1856-1927), no original, fazendo referência à escritora, pertencente à escola naturalista, que traçou um colorido panorama da vida popular de Nápoles nos anos finais do Séc. XIX e início do Séc. XX. (Nota da Tradução)

braços, para beijar seus olhos, beijar seus pulsos, seu pescoço, beijá-la toda, apaixonadamente, como um menino guloso. Porque eu gosto imensamente de você e entendo como podem assumir um significado real até as expressões que parecem mais banais, porque usadas em excesso por todo mundo. Tudo renasce porque o nosso amor è uma coisa nova, e nós somos originalíísimos por gostarmos assim como nos gostamos, ainda que nos aflijamos um pouco de vez em quando.

IV QUADRO: UM LÍDER QUE SABIA ESCUTAR

Seis danças populares romenas. 4. Dança do corno

NARRADOR: “Tudo se renova” também na vida política do revolucionário de profissão que, poucos dias antes de escrever a carta que escutaremos, em 6 de abril de 1924, foi eleito deputado do Parlamento italiano.

Gramsci: Parece mesmo que desta vez o destino cruel quis que eu fosse deputado de ... Veneza. As eleições foram muito bem para nós. As notícias que o Partido recebeu de vários lugares são ótimas: conseguimos 304.000 votos oficialmente, mas, na realidade, talvez tenhamos conseguido mais que o dobro. Certamente os facistas pensaram em dar-se tais votos, apagando o sinal para os comunistas e fazendo um outro para os facistas. Quando penso o que custou aos operários e aos camponeses dar-me esses votos, quando penso que em Turim, sob o controle dos cassetetes, 3000 mil operários escreveram o meu nome e, no Vêneto, outros 3000, na maioria camponeses, fizeram a mesma coisa, que vários deles foram violentamente espancados, pagando com o próprio sangue, quando penso nisto, julgo que ser deputado tem um valor e um significado. Entretanto, creio que para ser um deputado revolucionário em uma câmara com 400 macacos bêbados, gritando continuamente, seria necessário uma voz e uma resistência física muito superior à minha. Mas, tentarei fazer o melhor que puder: foram eleitos alguns operários enérgicos e robustos, que eu conheço bem, e conto com eles para poder desenvolver um trabalho não de todo inútil. Certo facista que eu conheço vai se

torcer de raiva bem mais que uma vez. Mas, sobre isso, nos falaremos pessoalmente porque teremos tempo: a Câmera só abrirá em 24 de maio e às primeiras reuniões eu não poderei assistir porque estarei pertinho de você para poder mostrar-lhe a língua, na espera de mostrá-la a ... Mussolini.

Te beijo, korosaia, slavnaia, liubimaia, rodnaia.

NARRADOR: Deste breve período de amor nascem Délio (morto em 1981), que o pai poderá embalar por poucos meses, e Giuliano (hoje ex professor de flauta em Moscou)⁴ que o pai nunca conheceria. O “líder que sabia escutar” não pôde jamais falar com os próprios filhos, que, por uma severa pressão de Tia Eugênia, viviam em Moscou sem saberem a sua verdadeira sorte. Do cárcere, Antonio podia comunicar-se somente através das cartas, que lhes eram traduzidas pela mãe.

GRAMSCI: Imagino que para Délio e Giuliano eu deva ser uma espécie de Holandês voador que, por razões insondáveis, não posso ocupar-me e participar de suas vidas. Como poderia escrever o Holandês voador? Mas o fato é que me repugna o papel de fantasma.

Seis danças populares romenas. 2. Dança com o véu

Délio e Giuliano sabem atirar seixos, fazendo-os assobiar e ricochetear quatro ou cinco vezes antes de afundar na água? Sinto muito não ter podido ensinar-lhes esta e tantas outras habilidades.

NARRADOR: Tendo voltado a Roma no calor da luta anti-facista, Gramsci é preso em 8 de novembro de 1926. Como presidiário, é um emigrado permanente, já que nos primeiros três meses conhece “quase todos os cárceres da península”. Cético e brincalhão, escreveria à mãe que para sobreviver contava sempre com o seu “espiritosinho cheio de humor”, com “aquela ponta de alegre ironia” que estaria no fundo do seu “caráter”.

⁴ Giuliano Gramsci faleceu em 23/07/2007, aos 81 anos, em Moscou. (Nota da tradução)

GRAMSCI: Ao menos os primeiros três meses depois da prisão foram muito movimentados... transferido de um extremo ao outro da península, ainda que com muito sofrimento físico, não tive tempo de aborrecer-me. Sempre novos espetáculos a observar, novos tipos excepcionais por catalogar: de fato, me parecia viver uma história fantasmagórica...

= pausa =

Para mim, a viagem foi como um longuíssimo filme: conheci e vi uma infinidade de tipos, desde os mais vulgares e repugnantes até os mais curiosos e ricos de características interessantes [...] Imagine que de Palermo até Milão se arraste um imenso verme, que se compõe e se descompõe, continuamente, deixando em cada cárcere uma parte dos seus anéis, reconstituindo-se por outros novos [...] Este verme tem cubículos em cada cárcere, que se chamam trânsitos, onde se permanece de 2 a 8 dias em meio à maior miséria, crostas de uma imundície impregnada há séculos. Chega-se exausto, sujo, com os pulsos doloridos pelas longas horas de algema, com a barba comprida, com os cabelos em desordem, com os olhos fundos e injetados pela exaltação dos ânimos e pela insônia, e se joga sobre aquele colchão de palha, que está lá não se sabe há quantas eras, vestido para não ter contato com aquela sujeira, envolvendo o rosto e as mãos nas próprias toalhas, cobrindo-se com cobertas suficientes apenas para não congelar. E se parte outra vez ainda mais sujo e cansado até um novo trânsito, com os pulsos ainda mais cheios de hematomas por causa do frio e dos ferros, do peso das correntes, e do cansaço de transportar, vestido com tamanha elegância, as nossas próprias bagagens. Mas, paciência, tudo já passou e eu já estou descansado. Estou aqui, em uma boa cela, aquecida pelo sol e agasalhado com uma blusa de lã que comprei assim que pude e que me fez, finalmente, expulsar o frio dos meus velhos ossos.

= pausa =

Sou como uma bola de futebol que pés anônimos podem chutar de uma parte à outra da Itália.

= pausa =

A prisão é uma coisa terrível [...] E o pior inconveniente da minha vida neste momento é a monotonia.

= pausa =

Tem certos dias em que o calor é atroz, durmo pouco e me domina uma grande inércia; nem mesmo a leitura me atrai. Como dizem na Sardenha, giro de lá prá cá como uma mosca tonta que não sabe onde cair.

NARRADOR: Gramsci vive com dignidade e firmeza dentro dos cárceres facistas, que o levarão à morte, a sua condição de – como ele mesmo disse – “combatente que não teve sorte na luta imediata”. O seu pensamento frequentemente volta-se para a mãe.

GRAMSCI: Me preocupa muito o estado de ânimo de minha mãe.[...] Para ela, a minha prisão é uma terrível desgraça e, além de tudo, bastante misteriosa nas suas concatenações de causa e efeito. Para mim é um episódio da luta política que se combatia e que continuará sendo combatida, não só na Itália, mas em todo o mundo e quem sabe por quanto tempo ainda... O fato é que a pobrezinha já sofreu muito e creio que continua sofrendo, ainda mais porque, em nossos vilarejos, é difícil compreender que se possa ir para a cadeia não sendo um ladrão, nem falsificador ou assassino. Ela vive em sobressaltos desde quando estourou a guerra e três dos meus irmãos estavam no *front*. Tinha e tem uma frase sua, “os meus filhos serão abatidos”, que em dialeto sardo é terrivelmente mais expressiva que no idioma italiano, pois se diz: “faghère a pezza”. Pezza é a carne que se coloca em venda nos açougues.

V QUADRO: FILOLOGIA VIVA

Seis danças populares romenas. 6. Dança veloz.

NARRADOR: Em 4 de junho de 1928, Gramsci é condenado pelo Tribunal Especial de Defesa do Estado a 20 anos, 4 meses e 5 dias de reclusão. É mandado para o cárcere de Turi, nas imediações de Bari. Ao seu isolamento civil segue-se um isolamento político cada vez maior. O distanciamento da linha oficial do Partido e da Internacional, iniciado pouco antes da sua prisão, em outubro de 1926, se consuma pouco a pouco até tornar-se definitivamente inconciliável. Gramsci tinha polemizado asperamente com o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética por ter tentado “esmagar na luta” a oposição trotskista, colocando assim em grave perigo “a unidade do nosso partido-irmão na Rússia”, unidade que entendia como “necessária para o desenvolvimento e o triunfo das forças revolucionárias mundiais”. Maioria e minoria devem saber conviver construtivamente, segundo Gramsci, porque seus mandatos são legítimos apenas se forem consequência da “ação” do Partido “entre as massas”: trata-se, portanto, em primeiro lugar, da unidade mesma das massas populares, unidade que não pode nunca ser mecânica ou burocrática, mas capaz de reconhecer como sua seiva vital o “atrito entre indivíduos”.

GRAMSCI: **Uma consciência coletiva, isto é, um organismo vivo, não se forma senão depois que a multiplicidade é unificada através do atrito entre indivíduos: não se pode nem dizer que o “silêncio” não seja multiplicidade. Uma orquestra que ensaia cada instrumento por sua própria conta dá impressão da mais horrível cacofonia, e, no entanto, estes ensaios são a condição necessária para que a orquestra viva como um só “instrumento”.**

NARRADOR: “Entre a grande massa, o partido e o grupo dirigente” deve vigorar, segundo Gramsci, “um sistema que poderíamos chamar de filologia viva”. E, segundo ele, “filologia é a expressão metodológica da importância de que os fatos particulares sejam reconhecidos e ajustados na sua inconfundível individualidade”. A parte precede e antecipa o todo, o indivíduo é valorizado e não desaparece no coletivo que, por sua vez, é o “centro de amarramento” de “organismos dos mais simples aos mais complexos”. O jovem Gramsci, admirador de Whitman, já escrevia:

GRAMSCI: **A individualidade não é suprimida no comunismo: ao contrário, nele encontra as condições de maior desenvolvimento, de expansão infinita, na medida em que o indivíduo delega à sociedade um complexo de esforços e de atritos que**

hoje o extenuam e o debilitam. Deste modo, toda a sua energia espiritual volta-se para o seu crescimento, seu infinito desenvolvimento para o bem e para o belo.

NARRADOR: A vida do Partido Comunista deve refletir a essência do princípio crítico, isto é, a procura de um equilíbrio permanentemente precário, nunca garantido, mas vital, entre o uno e os muitos, entre identidade e diversidade. É este princípio que inspira e rege a teoria da hegemonia, que no nível da superestrutura integra a luta de classes, aprofundando e compondo as contradições não antagonistas entre grupos sociais, gêneros, nações, no contexto de uma sociedade civil que tende a identificar-se com o povo. Por outro lado, ao partido cabe ainda superar o tradicional distanciamento do entre povo e Estado, absorvendo, aliás, múltiplas funções, despindo-se da tradicional contraposição entre dirigentes e dirigidos. Aluno de Maquiavel e de Lênin, Gramsci estuda a possibilidade de introduzir na política uma dialética em filigrana entre identidade e diferenças.

GRAMSCI: O mesmo raio luminoso passando por prismas diversos oferece diferentes refrações de luz: se se quer a mesma refração é necessário uma série de refrações em cada prisma particular. A “repetição” paciente e sistemática é um princípio metódico fundamental: não a repetição mecânica, “obsessiva”, material; mas a adaptação de cada conceito às diversas peculiaridades e tradições culturais, o apresentar e representar em todos os seus aspectos positivos e nas suas negações tradicionais, encadeando sempre cada aspecto parcial na totalidade. Encontrar a real identidade sob a aparente diferenciação e contradição, e encontrar a diversidade nuclear sob a aparente identidade é a mais delicada, incompreendida e entretanto essencial tarefa do crítico das idéias e do historiador do desenvolvimento social.

NARRADOR: Gramsci procurava um modo muito imediato e direto de viver e pensar os problemas tradicionais da filosofia. Percebia a si e ao mundo no qual atuava como uma intrincada, complicada, confusa “combinação de velho e de novo”. O comunismo era para ele, em sentido forte, um projeto material e ideal de “unificação do gênero humano”, mas também, como já havia dito Marx, o pleno reconhecimento e valorização de diferenças e particularidades, do direito às diversidades. Para alcançar esse fim, haveria a necessidade de um amplo e contraditório processo de síntese, fruto de uma

tensão produtiva entre o uno e os múltiplos, à medida em que, como disse ele, “todas as histórias particulares só vivem no quadro da história mundial”. Gramsci pressupunha, com acuidade, a radical superação de todo eurocentrismo mas, com um senso crítico salpicado de ironia, reafirmava, entretanto, a atualidade da função civilizatória da tradição ocidental nas suas melhores expressões.

GRAMSCI: O homem moderno deveria ser uma síntese daquilo que aparece como o sumo dos caracteres nacionais: o engenheiro americano, o filósofo alemão, o político francês, recriando, por assim dizer, o homem italiano do Renascimento, um tipo moderno de Leonardo da Vinci, transformado em homem-massa ou homem coletivo, ainda que mantendo a sua forte personalidade e originalidade individual. Uma coisa de nada, como você pode ver.

NARRADOR: Uma sociedade liberada e, portanto, uma relação mais sã entre os indivíduos não era, para ele, só um problema de emancipação econômica. Com a mesma insistência, ele colocava ênfase sobre a transformação da consciência.

GRAMSCI: A questão ético-civil mais importante vinculada à questão sexual é aquela da formação de uma nova personalidade feminina: enquanto as mulheres não atingirem uma real independência em relação aos homens, um novo modo de conceberem a si mesmas e a parte que lhes cabe nos relacionamentos, a questão sexual continuará plena de características mórbidas.

VI QUADRO: ANTÍGONA E O PRISIONEIRO

Bartók, Microcosmo, V, 124, Staccato

NARRADOR: Qual era o real sentimento de Gramsci em relação às mulheres não é fácil dizer. Se percebe nele, ao mesmo tempo, a convivência de uma vivíssima passionalidade com um rigor moral intransigente, um profundo respeito, mas também um excesso de orgulho masculino à espera, entretanto, de uma possível perspectiva

mais avançada de feminilidade que, talvez, estivesse presente, quem sabe com quanta consciência, no seu próprio ânimo. Escreve a Tania:

GRAMSCI: Eis onde desejo lhe atingir e fazer-la enraivecer. Você tem, como as mulheres, em geral, muita imaginação mas pouca fantasia; a imaginação em você (como nas mulheres em geral) trabalha em apenas num sentido, no sentido que chamaria (vejo você aos pulos) ... protetor dos animais, vegetariano, infermeirístico: as mulheres são líricas (para enlevá-las um pouco) mas não são dramáticas. Imaginam a vida dos demais (inclusive dos filhos) apenas do ponto de vista da dor animal, mas não sabem recriar com a fantasia a vida de um outro em todo o seu complexo, em todos os seus aspectos. (Observe que eu constato, não julgo e nem ousa supor consequências para o futuro; descrevo aquilo que existe hoje).

NARRADOR: As relações de Gramsci com as mulheres foram marcadas, principalmente, por uma forçosa renúncia ao amor; primeiro por motivos pessoais e, mais tarde, por motivos políticos. Viena, 11 de maio de 1924:

GRAMSCI:

Minha querida Iulca,

Amanhã parto para a Itália, mas logo retornarei para vir participar do V Congresso e da reunião do Executivo Ampliado. Por várias e desagradáveis razões tive de ficar aqui muito mais do que pensava. Já tinha me acostumado tanto com a ideia de que em breve, no final de maio, nos reveríamos que não consigo me consolar [...] Para mim é necessário que nos reencontremos: me parece que me tornei um ponto de interrogação no espaço infinito e não sei onde colocar os pés para encontrar concretude. Penso em você continuamente e sinto vontade de escrever elegias gemebundas contra o destino adverso que nos separou assim tão jovens, quando mal tínhamos começado a conhecer a felicidade.

NARRADOR: Seis anos mais tarde, não apenas a felicidade parece brutalmente despedaçada mas, inclusive, a sua comunicação epistolar com a mulher lhe parece refletir “relacionamentos [...] convencionais, bizantinos, sem espontaneidade”. Gramsci, preso, nunca mais reencontraria Giulia que passa a viver em Moscou.

GRAMSCI:

Querida Giulia,

[...] na nossa correspondência falta, justamente, uma correspondência efetiva e concreta: nunca conseguimos entabular um “diálogo”: as nossas cartas são uma série de monólogos que quase nunca conseguem entrar em acordo, nem mesmo em linhas gerais; se a isto se acrescenta o elemento tempo, que nos faz esquecer aquilo que foi escrito anteriormente, a impressão de puro monólogo se reforça, não te parece? Recorda uma popular anedota escandinava: três gigantes moram longe uns dos outros na grande montanha. Depois de milhares de anos de silêncio, o primeiro gigante grita aos outros dois: - “Escuto mugir um rebanho de vacas!” – Depois de trezentos anos, o segundo gigante intevém: “Eu também escutei este mugir!” e depois de outros trezentos anos o terceiro gigante intima: “Se vocês continuarem com este barulho, eu me mudo daqui!” - Bah! Não tenho mesmo vontade de escrever, faz um vento de siroco que me deixa com a impressão de estar bêbado.

NARRADOR: Tão relevante quanto a sua mãe nos anos de sua infância, foi, nos anos de maturidade e cárcere, a sua cunhada Tânia: amiga-amante-irmã. Entre ambos, uma relação platônica, mas de um platonismo pleno de vida. Em analogia a um sentimento expressado por Rosa Luxemburgo, o relacionamento entre Tania e Antonio foi chamado de sublime: um sentimento transcendente ou idealizado, deslocado em direção a cais impalpáveis, os quais, entretanto e aceitando a metáfora, ofereceram o porto seguro para a tempestuosa navegação carcerária do comunista sardo. Para Tania, tratar-se-ia de uma imersão total na vida afetiva e política de Antônio, que se concluiria, diríamos, com um naufrágio. Para além deste relacionamento, sabemos pouquíssimo sobre ela, morta poucos anos depois dele. Não por acaso, Tania se interroga sobre a necessidade de renunciar-se a si mesma para poder reencontrar-se doando-se a um outro.

GRAMSCI: Quem sabe a gente devesse viver sempre fora do próprio eu para poder sentir a vida com maior intensidade?

NARRADOR: Vice e versa era Antonio a propor um sentimento de si que relativizava radicalmente a solidez e autosuficiência do indivíduo, mas que, no entanto, acabava por reafirma-lo ao reintroduzi-lo num circuito de relações abertas e indefinidas.

GRAMSCI: Não sei imaginar como se possa viver fora do próprio eu, uma vez que exista um eu identificável de uma vez por todas e não se trate da própria personalidade em contínuo movimento, razão pela qual se é continuamente fora do próprio eu e continuamente dentro.

VII QUADRO: NOVA ÓRDEM

Bartók: Allegro bárbaro

NARRADOR: Dada a extraordinária abertura à vida de outros que caracteriza o mundo interior de Gramsci, pode-se intuir a tensão dramática que o assaltaria no cárcere em relação à uma possível de autocontrole e, com isso, perda da própria identidade. Escreve a Tania em 6 março de 1933:

GRAMSCI: Tenho ainda viva na memória a comparação que fiz para explicarlhe, no colóquio de domingo, o que acontece comigo [...] Imagine um naufrágio e que um certo número de pessoas se refugiem em pequeno bote para salvar-se, sem saber, onde, quando e ainda de quais peripécias efetivamente se salvarão. Antes do naufrágio, como é natural, nenhum dos futuros náufragos pensava em tornar-se ... náufrago e, portanto, menos ainda pensava em ser levado a cometer os atos que os náufragos, em certas condições, podem cometer como, por exemplo, o ato de tornar-se ... antropófago. Cada um deles, se interrogado a frio sobre que coisa teria feito diante da alternativa de tornar-se canibal ou morrer, teria respondido, com a máxima boa fé que, diante desta alternativa, teria escolhido a morte. Ocorre o naufrágio, o refúgio no bote e etc. Depois de alguns dias sem provisões, a idéia de canibalismo se apresenta sob uma luz diversa, até que num determinado

momento, entre aquelas pessoas, um certo número torna-se efetivamente canibal. Mas, na realidade, trata-se ainda das mesmas pessoas? [...] Uma transformação similar está acontecendo comigo (à parte o canibalismo). O mais grave é que, nestes casos, a personalidade se duplica: uma parte observa o processo, a outra o sofre. Mas a parte observadora (enquanto se tem esta parte significa que se tem um auto-controle e a possibilidade de retomar-se) sente a precariedade da sua própria posição, quer dizer, prevê que chegará um ponto que esta sua função desaparecerá e isto significa que não haverá mais um auto-controle mas a inteira personalidade será engolida por um novo “indivíduo” com impulsos, iniciativas, modos de pensar diversos dos precedentes. Enfim, me encontro nesta situação. Não sei que coisa de mim mesmo poderá permanecer no fim deste processo de mutação que percebo em curso.

NARRADOR: Talvez Gramsci temesse que alguma coisa análoga ao naufrago que se torna canibal pudesse acontecer não apenas a ele mesmo, indivíduo em carne e osso, mas também ao movimento comunista que, da revolução de outubro em diante, encontrava-se cada vez mais dividido – e em condições cada vez mais incertas – entre a proposta revolucionária e a devoração por parte de um novo indivíduo social em risco de perversão. Não se pode excluir a hipótese de que Gramsci temesse que o próprio comunismo pudesse cair no canibalismo. Mesmo assim, um ano depois de ter escrito esta carta, ele reafirmaria a sua convicção política de fundo, que seria também um modo de projetar-se no futuro da humanidade: um futuro bastante longínquo, como ficaria logo evidente, considerando que pensasse algo mais que o êxito ou desenvolvimento do socialismo soviético em crise permanente, isto é, pensasse o comunismo como a superação dialética de uma força hegemônica no mundo, a da América estadunidense, que tanto assustava a Europa.

GRAMSCI: Aquilo que hoje se chama de “americanismo” é, em grande parte, a crítica preventiva dos velhos estratos que, dentro de uma possível nova ordem, seriam esmagados e, por isso, estão, desde já, tomados por uma onda de pânico social, de dissolução e desespero. É uma tentativa de reação inconsciente de quem é impotente para reconstruir e ressalta os aspectos negativos da transformação. Não é dos grupos sociais “condenados” pela nova ordem que se pode esperar a reconstrução, mas daqueles que estão criando, sob imposição e com sacrifício

próprio, as bases materiais desta nova ordem: estes “devem” encontrar um sistema de vida original – e não de marca americana - para poder transformar em “liberdade”o que hoje é necessidade.

VIII QUADRO: CAFÉ AO SOM DE JAZZ

Bartók: Para as crianças, I, 1-4

NARRADOR: Memorialista, mas não nostálgico, da vida camponesa, o filósofo sardo, de quem se recordam nos anos turineses os “olhos humaníssimos, cheio de doces fantasmagorias enquanto observava” os pássaros, era impressionado com a “intoxicação” americanista e fordista que tinha invadido o mundo. Ou seja, como ele mesmo disse, com o “maquinismo esmagador”, que corroía e destruía a “animalidade” mas, como consequência, a “naturalidade” do homem. Gramsci não era contra a América, nem contrário ao industrialismo e à modernização da produção. Inversamente, escrevera, inclusive, que o “antiamericanismo é estúpido, antes de ser cômico”. Via, entretanto, no *american way of life* o aprofundamento de uma contradição radical e, potencialmente mortal, entre história e natureza, que só o comunismo poderia dissolver em direção a um progresso material e intelectual de massa. Logicamente não era fácil viver racionalmente esta condição no presente, e que presente aquele de Gramsci! Mas e aquele de seu filhos?

GRAMSCI: As crianças de hoje quando nascem já têm 80 anos, como o Lao-Tsé chinês. O rádio e o avião destruíram para sempre o Robinsonismo, que foi o modo de fantasiar de tantas gerações. A própria invenção dos jogos de montar indica como as crianças são intelectualizadas rapidamente.

= pausa =

Não soube jamais decidir se o jogo de montar, suprimindo da criança seu próprio espírito inventivo, seja o brinquedo moderno que mais se pode recomendar “...”

Em geral, eu penso que a cultura moderna (do tipo americano), cujo jogo de montar é uma sua expressão, torna o homem um pouco seco, maquinal, burocrático e cria uma mentalidade abstrata (num sentido diferente do que o “abstrato” significava no século passado). Tem-se o abstracionismo determinado por uma intoxicação metafísica e tem-se o abstracionismo determinado por uma intoxicação matemática.

NARRADOR: Para Gramsci, o Americanismo não é apenas o fordismo, que transforma o trabalhador no operário-massa, desenhado por Taylor como um “gorila amestrado” em lugar do potencial sujeito coletivo. O Americanismo é também a contraditória oficina do “homem novo” e, portanto, da mulher moderna que aspira a emancipação econômica e moral, embora seja, por outro lado, atraída pela armadilha *hollywoodiana* dos concursos de beleza ou, do ideal burguês do “mamífero de luxo”. Gramsci via bem as faces contrastantes da moderna cultura de massa: aquela industrial, que penetra no inconsciente e “disciplina” e “standardiza” os instintos sexuais; e aquela ‘internacional-popular’ que se exprime, por exemplo, na música e na dança produzida pelos negros, que acaba difundida na Europa e em todo o mundo.

=pausa=

GRAMSCI: A música e a dança importada dos negros conquistaram verdadeiramente todo um estrato da população européia culta, criaram, aliás, um verdadeiro fanatismo. De modo que é impossível imaginar que a repetição continuada dos gestos físicos que os negros fazem dançando em torno aos seus fetiches, que o ter sempre na orelha o ritmo sincopado das jazz-bands, fique sem resultados ideológicos: a) trata-se de um fenômeno enormemente difuso, que toca milhões e milhões de pessoas, especialmente jovens; b) trata-se de impressões muito enérgicas e violentas, isto é, deixam traços profundos e duradouros; c) trata-se de fenômenos musicais, ou seja, de manifestações que se exprimem na linguagem mais universal hoje existente. Linguagem que mais rapidamente comunica imagens e impressões totais de uma civilidade estranha à nossa mas, certamente, [...] primitiva e elementar e, por isso mesmo, facilmente assimilável e generalizável a partir da música e da dança a todo o mundo psíquico.

NARRADOR: Era uma passagem de uma carta à Tania, de fevereiro de 1928, na qual Gramsci conta sua tentativa confortar, falando do jazz negro americano, um “pobre diácono”, companheiro de cárcere, aterrorizado pela idéia de que o “cristianismo europeu” pudesse ser poluído pela invasão de objetos budistas, portadores da “idolatria asiática”.

GRAMSCI: Em suma, o pobre diácono ficou convencido que enquanto tinha medo de tornar-se um asiático, em realidade, ele, sem perceber, estava tornando-se um negro e, tal processo, era incrivelmente avançado, no mínimo já em fase de mestiçagem. Não sei quais resultados se obteve: penso, no entanto, que não seja capaz de renunciar ao café ao som de jazz e que, de ora em diante, olhará mais atentamente no espelho para descobrir pigmentos de cor negra no seu sangue.

NARRADOR: As vibrações mais sutis da corda que Gramsci toca entre o calor do passado e o frio do presente carcerário giram em torno do espaço-tempo igualmente mítico e real da Sardenha, ao eco sonoro da língua-dialeto, às memórias dos fatos, pessoas, plantas e, de modo particular, dos animais da sua ilha, que ele revive com uma intensidade ardorosa. Mas não é a dilacerante nostalgia a nota dominante do sardismo de Gramsci: o é, mais claramente, a certeza de quanto seja importante reconhecer e aprofundar a experiência das origens, como ele comunica à sua irmã Teresina:

GRAMSCI: Deixa que os teus filhos absorvam todo o sardismo que queiram e se desenvolvam espontaneamente no ambiente natural em que nasceram: isto não será um obstáculo para o futuro deles, muito pelo contrário.

NARRADOR: Alguma coisa do calor das origens, que exalta e fere, penetra na tristeza da cela e consegue serenar o ânimo do encarcerado. Em San Vittore, Gramsci cria dois passarinhos.

GRAMSCI: O primeiro era muito mais simpático do que o atual. Era muito audaz e dono de uma grande vivacidade. O atual é modestíssimo, de ânimo servil e sem iniciativa. O primeiro tornou-se imediatamente dono da cela. Creio que tivesse um espírito eminentemente goethiano, como li em uma biografia a propósito do

homem biografado: Über allen Gipfeln⁵. Conquistava todas as cumeeiras existentes na cela e se empoleirava por alguns minutos para gozar da sublime paz. Subir sobre a tampa de uma garrafinha de xarope era a sua eterna obsessão, tanto que uma vez caiu dentro num recipiente cheio de restos da cafeteria e, por muito pouco, não morreu afogado.

IX QUADRO: A ROSA É VIVA E CERTAMENTE FLORESCERÁ

Bartók: Ao ar livre, II, 4, Música da noite

NARRADOR: Na ocasião dos encontros que pode ter com Antonio no ano de 1929, em Turi, Tânia ficou, certamente, surpresa pela insistência com a qual ele lhe pedira sementes de roseira, pois desejava plantá-las no pátio interno do cárcere. Em um relatório secreto ao Partido Comunista, Tania Schucht conta:

TANIA: Total, sete vezes: em 18, 21, 25, 28, 30 de março e 3 e 9 de abril. Os colóquios tiveram duração de meia hora e, exceto por uma vez, ocorreram sempre em pé, sob um alpendre, no pátio interno e em presença de um guarda. No primeiro encontro comuniquei aquilo de que era encarregada. Antonio, entretanto, me disse que já não me esperava mais. Manifestou uma grande ansiedade por notícias políticas. O interessava o conteúdo do discurso de Mussolini e o seu posicionamento com relação ao “Tribunal Especial”. Queria semente de flores. Na segunda vez o encontrei muito agitado. “Mas por que você não veio antes?” disse. Acreditava que eu partisse no mesmo dia. Mas como lhe comuniquei que já havia decidido permanecer até a Páscoa, ele ficou todo reconfortado. Me perguntou imediatamente se acreditava que pudesse vê-lo de novo e, quando assegurei que sim [disse] - “Então, nos veremos algumas vezes

⁵ Em alemão no original. Über allen Gipfeln ist Ruh: *Sobre todos os cumes reina a tranquilidade*, poema de Johann Wolfgang von Goethe. (Nota da Tradução).

ainda!” - e no tempo restante deste colóquio pediu-me para levar-lhe várias coisinhas, mas aquilo que ele mais desejava eram as sementes de flores; prometi que o faria.

pausa =

TANIA: Ainda que Antonio diga que no cárcere uma pessoa se torna terrível, penso que a sua sensibilidade pelo próximo, ao contrário, esteja ainda mais agudizada por este contato com o sofrimento. Por exemplo, quando fui no Natal o encontrei acamado e o diretor propôs que eu entrasse na sua cela. Antônio não quis e me disse: ”Saiba que aqui dentro tem aqueles que não vêem uma mulher há 30 anos: por isso você não devia entrar”.

pausa=

TANIA: Então, Antonio me pediu com insistência uma rosa de parreira, adverti que não acreditava oportuno que se fizesse um roseiral na cadeia, já que não poderia desfrutá-lo. E Antonio respondeu que sabia, entretanto, que deveria estabelecer mentalmente a sua existência por longos anos em Turi, portanto, podia muito bem desejar um roseiral que faria subir ao longo da parede, até alcançar as celas.

NARRADOR: A vida da rosa no pátio interno de Turi teve um início não muito feliz, mas Antônio espera e escreve a Tania em 22 de abril:

GRAMSCI: A rosa pegou uma terrível insolação: todas as folhas e as partes mais tenras foram queimadas, carbonizadas. Está com um aspecto desolado, mas dá sinais de que está brotando. Não está morta, pelo menos, não por enquanto. A catástrofe solar era inevitável porque eu podia protegê-la apenas com papel que o vento acabava levando. Teria sido necessário um belo maço palha que é má condutora de calor e ao mesmo tempo repara dos raios diretos. De qualquer modo, o prognóstico é favorável, a menos que haja complicações extraordinárias. As sementes demoraram muito a nascer: toda uma série de teimosias para tornar a vida *podpolie*.

NARRADOR: *Podpolie* é' uma palavra russa que significa “subterrânea” ou, ainda, “clandestina”.

GRAMSCI: Claro que as sementes eram velhas e em parte carunchadas. Aquelas que vieram à luz crescem lentamente e estão irreconhecíveis. Eu penso que o jardineiro quando te disse que uma parte das sementes eram belíssimas, queria dizer que eram boas para comer. De fato, algumas das plantinhas, estranhamente, se assemelham mais à salsinha e a cebolinha do que flores. Todo dia me vem a tentação de puxar-lhes um pouquinho para ajudá-las a crescer, mas fico em dúvida entre duas concepções de mundo e de educação: se ser rousseauiano e deixar por conta da natureza que não erra nunca e é fundamentalmente boa, ou ser voluntarista e forçar a natureza, introduzindo na evolução a mão esperta do homem e o princípio da autoridade. Até agora a incerteza não acabou e na minha cabeça se debatem as duas ideologias.

NARRADOR: A insistência do filósofo jardineiro é, enfim, premiada. Antonio escreve a Tania em 10 de julho:

GRAMSCI: Sabe a rosa? Renasceu completamente. De 3 a 15 de junho, de repente, começou a dar brotinhos e depois folhas até tornar-se completamente verde: agora já tem raminhos de até 15 centímetros. Tentou até dar um botãozinho pequenininho pequenininho que depois de um certo ponto enfraqueceu e agora está amarelando. Mas, de qualquer modo, a planta germinou e no próximo ano, certamente, florirá. Não se exclui nem mesmo a possibilidade de que alguma rosinha muito tímida floresça ainda neste ano. Isto me dá prazer porque de um ano para cá os fenômenos cósmicos me interessam (talvez, como dizem no meu vilarejo, a cama esteja colocada em direção favorável aos bons fluidos terrestres e quando me repouso as células do organismo giram em uníssono com todo o universo). Esperei com grande ansiedade o solstício de verão e agora que a terra se inclina ... em direção ao sol estou mais contente (a questão é ligada ao lume que trazem ao final do dia e eis aí o fluido terrestre!); o ciclo das estações e seu vínculo com os solstícios e equinócios eu o sinto como carne da minha carne; a rosa está viva e florescerá certamente.

NARRADOR: Esta rosa viva faz pensar em Rosa Luxemburgo que naqueles mesmos anos, também ela, cultivava rosas no jardim da prisão. Antonio prossegue:

GRAMSCI: a rosa está viva e florescerá certamente porque o calor prepara o frio e sob a neve já palpitam as primeiras violetas, ecc. ecc.; em suma, desde que o espaço não existe mais para mim, o tempo me aparece como uma coisa corpulenta.

NARRADOR: Este tempo corpulento tem a ver com a origem mas, também, com os sentidos dos *Cadernos do Cárcere*. Com este fluxo de notas e apontamentos, três mil páginas percorridas por uma grafia clara, estável, quase infantil na sua pureza, os *Cadernos* têm um caráter intimamente fragmentário: nada neles é concluído ou conclusivo, tudo é aberto e problemático (se percebe a espera socrática de um interlocutor). E, no entanto, são a expressão pura e cristalina de um pensamento pleno, em estado nascente. Este nascimento permanente produz o efeito de um organismo em movimento, de uma vida que pulsa... Gramsci estava submetido de modo totalmente particular à inexorabilidade do tempo – que ele chamava de “pseudônimo da vida” – aos efeitos do germinar e fenecer de todas as coisas. Não é só o ciclo das estações é “carne da sua carne”: o é, também, a história dramática dos seres humanos vivida como natureza, como corpo, como parte de si, da qual ele mesmo é parte. “Não se pode entender os *Cadernos* sem ter lido com atenção as *Cartas*”, que alguém chamou de um “breviário moderno para leigos”, escrito por “um sardo sem complicações psicológicas”. Numa carta destinada a Giulia, escrita em junho de 1932, temos ainda um pensamento que pode valer como um convite para “continuarmos com Gramsci”:

GRAMSCI: É necessário queimar todo o passado e reconstruir uma vida toda nova: não é o caso de deixar-se esmagar pela vida vivida até agora ou, no máximo, é o caso de conservar apenas aquilo que foi construtivo e belo. É preciso sair da fossa e jogar fora todos os sapos que se teve de engolir.

pausa=

A rosa está viva e, certamente, florirá!

Bartók, Microcosmo, 113, Ritmo búlgaro